

**SUJEITOS, PARDAIS CINZENTOS NO CONCRETO ARMADO: UM OLHAR SOBRE A CONSTITUIÇÃO DAS POTÊNCIAS MARGINAIS NA MULTIDÃO A PARTIR DA SAGA DE VALDIRENE EM PELAS FRESTAS DO TELHADO, DE MÁRCIO RIBEIRO LEITE.**

Marcelo Vieira da Nóbrega (UEPB).

**RESUMO:** Da perda trágica da irmã - brutalmente assassinada pelo próprio pai – até a diáspora hibridizante e forçada do sertão à cidade, a saga de Valdirene Gomes e sua família em Pelas Frestas do Telhado, de Márcio Ribeiro Leite, culmina, nos anos iniciais, com um misto de dor, morte, vácuo existencial, fome, abandono, resistências e muita cooperação. Ressurgem na miséria de um buraco fétido – lugar onde moraram, na cidade grande, inicialmente - porque são potências, rizomas, típicos da multidão, segundo o olhar de Deleuze e Guattari (1997), Virno (2013) e Martín-Barbero (2003). É nesta perspectiva que se propõe este artigo: investigar - à luz da saga de fome e abandono a que são submetidos Valdirene Gomes e família, na cidade, – de que forma a obra literária em análise, do ponto de vista estético, media relações humanas que imbricam solidariedade, cooperação, poder, luta, sofrimento, opressão, (des)territorialização e afeto, sempre com um olhar nas multidões, nos marginais margeantes. Para tal, busca-se, à luz do conceito de multidão, enquanto potência, rizoma, de Deleuze e Guattari (1997), refletir, sobremaneira, acerca das cooperações e resistências que impõem e contingenciam as ações de Valdirene e suas irmãs mais velhas a sobreviverem em meio à multidão, entendida esta, segundo Benjamin (1975), como “trama, entrelaçamento de submissões e resistências, impugnações e cumplicidades.” Partindo-se de uma metáfora, proposta pela própria Valdirene – ao preannunciar a morte de uma de suas irmãs: “A névoa do pântano da morte nos envolveu outra vez. Uma tristeza inundou meu espírito. Vi o pouso desconcertante de um pardal no parapeito de minha janela” – denota-se serem Valdirene e suas irmãs pardais, urubus urbanos, marginais, os malditos, ameaças constantes, resistentes e predadores, cinzas como o concreto das edificações urbanas, mas solidários e cooperantes, jogadas no coração dos espaços de poder que, juntos, reagirão.

Palavras-chave: Multidão. Potência. Marginalidade. Cooperação. Resistência. Reterritorialização.

## I. INTRODUÇÃO

Romance de formação e narrado em primeira pessoa, *Pelas Frestas do Telhado*, do médico e escritor baiano, Márcio Ribeiro Leite, trata da saga da família dos Gomes, tendo em Tidé - Antônio Euzébio – como patriarca - a sua companheira, cujo nome jamais fora citado em toda obra, e uma penca de cinco filhas, todas analfabetas, da primogênita a mais nova, Valdelice, Valdicélia, Valquíria, Valneide e Valdirene, esta

responsável pela narrativa e responsável pela tessitura e encaminhamento de quase todas as células dramáticas.

A diáspora forçada e dramática da família, do mato prá cidade grande, tem como ponto de partida o doloroso, violento e cruel assassinato da filha mais velha, Valdelice, então com 16 anos. Após se enrabichar pelo filho do coronel, engomado e de cavalo bonito, e engravidar, Tidé, seu pai – bêbado, num surto de ódio, para lavar a honra da filha desonrada, o faz com sangue dela própria – e não com o causador direto. Acoit-lhe até a morte e em seguida foge. Com a mãe em estado de choque, as 4 irmãs (com idades que variam entre 12 anos (Valdirene, a mais nova) e 15 anos (Valdicélia, a segunda) fogem prá cidade: renunciam ao grande vazio existencial e de dor e partem para o maior deles, o do desconhecido, da cidade grande. Se não havia “um menino macho para ajudar e tomar conta de tantas mulheres” (Idem, p. 12) e se o próprio pai as abandonara, não havia outra opção às cinco mulheres: teriam que rastejar como cobras no sertão, agora nos buracos das grandes cidades. A diferença é que, no dizer da própria Valdirene, “na cidade, bicho e gente não se misturam” (Idem, p. 34). E é neste ponto onde a tragédia das cinco mulheres na cidade se constitui: como bichos, tiveram que morar, nos anos iniciais, em buracos, em um buraco embaixo de um viaduto, como tatus. Se a pobreza é uma doença comum a todos eles, se cada um conhece o seu gosto amargo, então cada um pode enxergar o outro melhor. Daí a solidariedade na necessidade, por mais miseráveis que sejam. Já na cidade tiveram que recorrer à mendicância como único direito para não morrer de fome. Solidarizam-se entre si. Trazem do sítio valores e modos de vida e de ações, modos éticos de ser que não são totalmente depostos ou abandonados na cidade, mas que se mantém como rastros e resíduos. Como a banalidade dos pardais que se urbanizam, integram-se às paisagens urbanas e sobrevivem às custas de pequenos delitos, como furtar ninhos alheios, eliminar pequenas ameaças e sobreviver de sobras, a família Gomes, acinzentadas, escurecidas pelo tempo, comuns, se adaptam à mendicância, ao pedir fácil, nos semáforos, vielas, portas de padarias das grandes cidades. Em seguida, à noite, depositam-se nos seus buracos, nos seus ninhos, fétidos, a contar migalhas de sobrevivência.

Neste hiato que separa o sucesso profissional de nossa agora famosa estilista internacional Val Gomes e as trajetórias de suas irmãs muitos foram os percalços de suas irmãs: Valdicélia se transformara em cozinheira; Valquíria drogou-se, desgarrou-se das irmãs, se prostituiu prá viver. Conhece Juarez, do povo, machista, pedreiro, carpinteiro, ciumento e autoritário, mas que a realizava na cama. Desse amor doentio nasce Rafael, deficiente, e filho suspeito de Juarez. Prá variar, a nossa azarada contrai Aids. É abandonada pelo macho, perde seu filho e em seguida morre meses após se reencontrar com as irmãs; Valneide, andou se desvalando na vida, mas conhecera Edval, protestante, taxista, maxista, amante de futebol e de uma rede. Afeito às coisas do ócio e da mesmice, contrário, por princípio religioso, a qualquer forma de controle de natalidade, além de machista e autoritário, faz 5 filhos em Valneide, que se acomoda à vidinha: cuidar de meninos e de Edval. Por último, a nossa narradora, Valdirene: com esforços próprios, constitui um império de moda, a Val Gomes, de início, como sócia de um ex-amigo da ex-diretora da escola onde estudara. Após a morte deste, compra a sua parte e passa administrar o império apenas com a sua marca e seus traços. Consegue - através da marcante cena em que tem que desenhar e expor por toda a cidade, o vestido responsável pela separação delas, além de um número de telefone logo abaixo do desenho, com o desejo de que Valdicélia pudesse entender a cena e se comunicar com ela - a partir dessa cena se comunicar com Valdicélia e com efeito com as outras irmãs. Entre idas e vindas em viagens internacionais - tendo Valdicélia como sua secretária particular - e após um furtivo romance, conhece Jeanine, uma francesa, por quem se apaixona. Trocam juras de amor e passam a dividir tudo, contra tudo e todos. Além de sócias no amor, também se tornam sócias nos negócios. Jeanine passa a administrar os negócios na Europa.

## II. UM HÍBRIDO ENTRE ROMANCE DE FORMAÇÃO E DE MULTIDÃO

O fenômeno da globalização, sobretudo a partir dos anos 90, gera uma série de trocas culturais, nas quais a relação nem sempre harmônica entre centro e periferia ficam claras. As fronteiras geográficas, políticas, econômicas e até culturais diluem-se na medida em que a modernidade gera novas e irreversíveis formas de interações e

informações, possibilitadas pelos fluxos migratórios que fundem centro e periferia e geram, com efeito, novos processos de hibridização e desterritorialização. Novos conceitos de marginal e periférico passam a “incomodar” a dita literatura hegemônica e canônica. Entretanto é bom que se afirme que a afirmação e a “denúncia”, na literatura, da pobreza e da exclusão social nunca foram novidades.

o livro de Roberto Schwarz, *Os Pobres na Literatura Brasileira*, tem seu mote nessa opção pela “marginália”, do que são exemplos os miseráveis explorados pela metrópole nos poemas satíricos de Gregório de Matos, os escravos da poesia libertária de Castro Alves, os moradores dos cortiços de Aluísio Azevedo, os sertanejos de Euclides da Cunha, os desvalidos de Lima Barreto, o Jeca Tatu de Monteiro Lobato, os severinos de João Cabral, os retirantes de Graciliano Ramos, os pequenos trabalhadores e contraventores de João Antonio; os mendigos e criminosos das ruas do Rio de Janeiro de Rubem Fonseca. A galeria de personagens pobres, vivendo em condições degradantes, é muito vasta e compõe um painel diverso de tipos humanos produzidos pela desigualdade social brasileira (OLIVEIRA, 2011, p. 03).

O novo espectro, no entanto, que se desenha a partir dos anos 90, quando o assunto é marginalidade na literatura, - diferentemente dos modelos antigos de percepção estética destas categorias na literatura - se justifica na medida em que se fundem no fazer narrativo autor, narrador e personagens. Aquele quase sempre nascido, criado e expressão social da periferia. Neste sentido, a obra de Ferréz - como é conhecido Reginaldo Ferreira da Silva, escritor, colunista e produtor cultural, morador do morro Capão Redondo, na periferia de São Paulo - é sintomática. Publica na revista *Caros Amigos*, em 2001, um número especial intitulada *Literatura Marginal: a cultura da periferia*, que contou com a participação de dez autores, todos eles moradores de comunidades periféricas de São Paulo. Entre 2002 e 2004 o autor publica mais duas edições da revista *Caros Amigos* com textos de 38 autores da dita literatura marginal, todos escritores da periferia, expressão constante de profundas tensões com as vozes dominantes e defesa reiterada das vozes silenciadas, das favelas, dos morros, das

periferias, dos subúrbios, das bordas. Vozes coletivas, silenciosas, silenciadas e que – através da literatura – contam e cantam as suas próprias experiências, dores, derrotas, tristezas, frustrações e posições de sujeitos em busca - mais do que integração e multiculturalização – buscam inclusão, um olhar, mais do que multi, intercultural. Mais do que uma literatura de denúncia, uma produção que busca, segundo Silviano Santiago, uma atitude conscientemente cosmopolita. Mais que denunciante das estratégias de manipulação e dominação dos donos do poder, a literatura dita marginal parece se predispor a dar visibilidade ao historicamente silenciado e apagado: a voz dos morros, favelas, vielas e bordas, quase sempre apenas conhecidas pelo samba, capoeira, forró, estes todos como que folclorizados. Mais que isso, a tônica dessa literatura está relacionada, ainda segundo Oliveira (2011, p. 06) “ao papel do sujeito como agente e produtor cultural, que muitas vezes vive sob condições de ilegalidade, reivindicando, no entanto, o direito de falar desde essa experiência”.

Entretanto, a saga de Valdirene em *Pelas Fretas do Telhado* não parece obviamente, por vias de simples enquadramento estético, ser classificada como literatura marginal em sentido estrito, já que Márcio Ribeiro Leite não provém da periferia, não tem raízes sociais e culturais arraigadas na periferia, mas muito mais como um romance de formação. Embora a dramática nascente dos dramas humanos que fundem a relação autor, narrador e personagens, característica basilar que deve reger a chamada literatura marginal, na obra em análise, não esteja necessariamente presente na periferia – marca fundante da marginalidade na literatura – já que Valdirene e suas irmãs são jogadas embaixo de um viaduto, no centro do poder, tal fato não elide a força arrebatadora da alternância dialética entre o centro e a periferia, ou entre o centro e as bordas do poder. Assim se designa que na

acepção estritamente artística, marginais são as produções que afrontam o cânone, rompendo com as normas e os paradigmas estéticos vigentes. Na modernidade, uma certa posição marginal da arte sempre foi a condição aspirada como possibilidade para a criação do novo. Contudo, a inovação, uma vez assimilada e introduzida na tradição, deixa de ocupar uma posição à margem, exigindo novos processos de ruptura, que marcam, na perspectiva de Tynianov2

(1978), a evolução literária. Sob esse ponto de vista, a história da literatura e da arte consiste nessa dialética de posições que se alternam entre o centro e a margem, o que envolve não apenas transformações de ordem estética, mas também social e política. (OLIVEIRA, 2011, p. 04).

O autor Márcio Ribeiro Leite, mais que médico, é também premiado escritor, além de representante também de uma elite burguesa profissional historicamente excludente, centrada na hegemonia do centro do poder: a de medicina. Nasce em meio à classe média baiana, tem acesso a uma faculdade de medicina na Bahia, faz pós-graduação em Medicina no Rio de Janeiro e migra, por desencanto profissional, para a literatura. Gestada, em primeira pessoa, em pleno período de efervescência do Fome Zero e, com efeito, do Bolsa-Família, *Pelas Fretas do Telhado* trata da trajetória desterritorializante de Valdirene, narradora, e sua família, experiência fundamentalmente dolorosa de um conjunto de dramas, desajustes, revezes na vida, traumas, desgraças e superações de Valdirene – desde a perda brutal de sua irmã, no sítio, passando pelas tragédias diárias na cidade, seus dramas de dores e muita, bastante fome – até o seu retorno ao sítio mais uma vez. Valdirene intervém em si, entra no universo interior de uma mulher que personifica todo um conjunto de misérias (pessoais, econômicas, sociais, políticas e até existenciais) e o faz de maneira magistral, sobremaneira através de um conjunto de jogos metafóricos, que fundem a natureza, as coisas do sertão, seus caprichos e belezas, pistas e sinais únicos e potencialmente literários, mediadas por uma escrita simples e comprometida com a concisão, o inusitado, a beleza e riqueza dos detalhes e cenas do cotidiano – desde as do sertão como as da cidade. Mais do que a revelação denunciante e clichizada da fome e seus efeitos práticos, o drama de Valdirene é um véu que vai encobrando, lentamente, além das derrotas sucessivas a que a família vai se submetendo, também um desejo reiterado de superação, apesar de tudo que lhe vai contra. Apesar do Fome Zero, dos discursos inclusivos, das reiteradas campanhas e programas sociais, que nascem nos anos 90 e se estendem aos dias atuais, muitas ainda são as valdirenes, jogadas nos centros do poder,

quase sempre à margem de tudo de tudo, de suas dignidades tão evocadas nos centros de poder.

Assim, a obra se propõe em interferir em nossa forma de ver e interpretar o mundo que nos cerca. Neste sentido, segundo Bourdieu (1996) “a eficácia da teoria está em desentranhar do objeto o método por meio do qual ele se apresenta em sua vivacidade, não descolado da experiência, nem desprendido de razões práticas”. *Pelas Fretas do Telhado* cumpre sua função estética de, enquanto literatura, através da linguagem escrita, mediar relações dialéticas, quase sempre complexas, desiguais e contraditórias entre as experiências dos que estão no centro e os das bordas do poder, formas de vida singularmente cooperantes que potencializam a pobreza em toda a sua essência; modos e idiossincrasias de vida dos, tais quais Valdirene e suas irmãs, jogados nos centros de poder, como os pardais, se acinzentam, se solidarizam, se conflituam, se violentam, se cooperam, mas resistem. Em relação ao centro são as bordas, mas em relação a si mesmos são o próprio centro, porque se organizam em redes, são agenciamentos coletivos no dizer de Deleuze.

### III. VALDIRENE, UM SER ‘PARDALIZANTE’: FLUXOS (DES)(RE)TERRITORIALIZANTES.

Inicia-se este capítulo com uma reflexão de Valdirene acerca do sentimento de dor, morte e perda por ela experimentado, logo após a perda de sua segunda irmã, Valquíria, vítima de AIDS. Assim ela se expressa: “A névoa do pântano da morte nos envolveu outra vez. Uma tristeza inundou meu espírito (...). Vi o pouso desconcertante de um pardal no parapeito de minha janela” (LEITE, 2012, p. 176). Os pardais se massificam nos grandes centros urbanos. Cinzas, de cantos padrão, uniformes e de elevado poder de reprodução. São predatórias, destroem ninhos alheios, oportunistas. São os urubus urbanos, os marginais, os malditos. Estão atrelados às massas, às experiências humanas, às grandes pragas urbanas. A metáfora é, por demais, relevante. Para além da associação que Valdirene faz da morte aos pardais urbanos, devo lembrar, de início que – a propósito de Benjamim, Jesus Martin-Barbero (2003, p. 85) afirma não se poder pensar nas massas culturalmente sem suas experiências. São as massas, aos

olhos de Benjamin (2009), “que fundem as ruas, as fábricas, os ambientes andrajosos, as salas escuras de cinema e da literatura, sobretudo na marginal, na maldita”. São as ameaças sobre as quais Adorno tanto se refere, as pragas urbanas, amorfas, marginais, oportunistas, tais como os pardais, ameaças constantes à quebra da aura, do ninho, esplendor da pureza estética, no dizer do próprio Benjamin (2009), em “*A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*”, lê-se: “aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja”. A verdade é que Valdirene pagara um preço alto prá descobrir que a felicidade “andava pelas tocas dos tatus, escondida atrás das moitas, enganchada no arame farpado das cercas, ou rolava solta no sertão, bafejada pelo vento morno” (LEITE, 2012, p. 263). O preço a ser pago pelos Gomes na cidade fora por demais irreparável. O estar pardal custou-lhe muitas mortes e marcas. O negar-se a ser pardal expulsou-a da cidade volta aos seus buracos rurais:

a fome, o malabarismo no meio dos veículos, a guerra do dia a dia para sobreviver. A carne tenra virando couro, os mosquitos, a sarna, as pústulas. A batalha desigual frente aos cidadãos de primeira classe. (...). O mau cheiro dos esgotos. Vieram o cansaço, a dor da morte da mãe, as lembranças tristes do pai e de Valdelice. (LEITE, 2012, p. 210).

São jogadas no coração dos espaços de poder. Muito pouco experimentaram as entranhas da solidariedade de seus pares pardais dos subúrbios. A resistência, mais que política e ideológica, no caso da nossa heroína, não provém da periferia, das forças identitárias, dos movimentos sociais, das culturas dos bairros, no dizer de Benjamin (2009, p. 281), mas das raízes rurais, das convicções, das crenças e dos valores consolidados por Valdirene no seu sertão, dos conselhos da mãe analfabeta, do empenho da irmã, também analfabeta. Jamais aceitara a condição social a que lhe fora imposta pela família

Até hoje não entendo porque uns têm tanta coisa e outros não têm nada (...) Aquela vida aperreada de gente pobre e sem chance. Vida diferente de outras. Mas à noite eu fazia planos; Não sei por que existe pobre no mundo. Será só para sofrer? ((LEITE, 2012, p. 44).).



No caso de Valdirene, o que se percebe é que o brutal choque com o centro do poder, com a exclusão, com as sucessivas negações a que lhe são impostas, com o concreto, com o seu buraco embaixo do viaduto, com o asfalto, com as pelejas nos semáforos, com o costume da mendicância, na verdade funcionam como catalizadores e cimentos que – ligados à argamassa de seus muitos vazios existenciais – são perfeitos à constituição de seus projetos. É nesta compreensão que a nossa heroína se tranca na sua escola, nos seus dramas, nos braços de seu macho, negro, amante e servente para se esquecer do que, como ela diz, daquela “colmeia barulhenta e mal organizada” (LEITE, 2012, P. 25). Ser mendigo já lhe era um direito, e que, embora ela o rejeite como espírito mau, a nossa heroína tinha que conquistar, e logo, o seu espaço. Teria que, urgentemente, deixar de ser sombra em meio às massas; deixar de ser bicho, afinal, segundo a própria Valdirene, bicho e gente não se misturam. Observa-se no vazio de Valdirene – cuja cura parece não estar na urbe - muito das razões a lhe impulsionarem ao sucesso profissional: segundo ela própria “é ele (o vazio) que me empurra prá frente, me faz enfrentar novos desafios” (Idem, p. 89). Quando tinha que tomar uma nova e importante decisão era o vazio que a conduzia, como nesta cena: “E, mais uma vez, experimentei uma sensação de vazio. Arrumei meus pertences e me mudei para um quarto e sala próximo à confecção” (Idem, p. 102). Ou ainda neste outro momento em que reconhece a importância de algumas coisas como família e valores, imprescindíveis:

durante os anos em que permaneci morando na escola, Valneide me visitou poucas vezes. Valquíria e Valdicélia nunca apareceram. Sempre me sensibilizei com isso, sentia um vazio, uma tristeza. Provei a mim mesma o quanto faz falta as coisas que são realmente importantes, com a família e seus valores. (Idem, p. 107).

Ou, por fim, no momento em que reconhece a maior das solidões, a mais profunda, a que permite ao ser sentir falta de alguém que o complete de maneira peculiar e que lhe preencha os seus espaços vazios. Ou “a solidão de não ter com quem partilhar uma ideia, confessar um pecado ou comunicar uma estranheza qualquer. (...) a solidão de não poder ser ouvida sem reservas ou vista sem atenuantes”. (Idem, p. 169).

Nesta compreensão, é a experiência de Valdirene que aqui se irrompe de forma reveladora. Parece que o ser pré-indivíduo, o instintivo, no dizer de Virno (2013), prepondera. As singularidades cooperantes, características da ideia de multidão, e marcadas pelas experiências do comum, se fazem presentes em todos os momentos, e são mediadas pela linguagem. Tudo se justifica em nome da luta pela sobrevivência. Há acordos cooperantes, nos primeiros anos, em quase todas as decisões de sobrevivência do grupo. Do episódio da luta brutal e violenta das 4 irmãs em defesa do espaço do buraco, contra um grupo de moleques viciados, até a divisão explícita das tarefas de mendicância, a cooperação se faz presente. Ali, a sobrevivência passa a ser uma premissa. Ali, Valdirene e família estão corpos em potência, multidão, experiências múltiplas. Seres cooperantes, resistentes, pardalizantes, agenciamentos periféricos colaborativos. Redesenha-se, a partir deste ponto, uma das características marcantes da ideia de potências na multidão, proposta por Negri (2013) e Virno (2013): o questionamento da noção de trabalho meramente assalariado e a defesa da constituição, por exemplo, das ideias de trabalho imaterial e de material não remunerado. Valdirene se supera, via educação, através do trabalho – de início assalariado, depois, enquanto empresária e dona de um conglomerado mundial fábrica de roupas – passa a comandar de casa seu império. As demais, por força das circunstâncias que lhes foram impostas, jamais saíram da condição de trabalhadoras assalariadas.

Por outro lado, enquanto seres cooperantes, marcas cruciais propostas pela potencialização nas multidões, a confluência e unidade de decisões é marcante na narrativa. Pelo menos até a expulsão de Valdirene do buraco, há uma força coesiva e centrípeta que as puxa ao buraco a cada fim de dia; que as arranca do sítio e as joga na cidade, de forma trágica, após a morte da irmã; uma vontade geral e desesperadora – tanto durante quanto após a dissolução do grupo – para que as irmãs permaneçam unidas e juntas, e tendam ao uno, à mesmice da tragédia do dia a dia. Para elas, a cidade, a diáspora, a ilusão, a utopia, eram sinal de melhora de vida, eram promessa. Estão à mercê dos favores e esmolas do Estado, do soberano. A preço de hoje, se cadastrariam imediatamente no Bolsa-Família.

Na roça todos se ajudam, porque compartilham a dor da privação. Estamos todos no mesmo nível, então podemos nos enxergar mutuamente. A pobreza é uma doença comum a todos nós, portanto todos conhecemos o seu gosto amargo. Ajudar é sobreviver, é um serviço que prestamos a nós mesmos. Na roça, sabemos que um pode precisar do outro a qualquer momento”. (LEITE, 2012, p. 30).

Estar no mesmo nível e compartilhar a dor da privação quer dizer se submeter, em silêncio, aos demandas do Estado, não se rebelar, jamais ser perigo, firmar um pacto de fome e de sangue com o soberano. Por outro lado, a princípio, reconhecer-se inadaptável à condição de estar na multidão, nos primeiros anos de privação, parece ser um drama a Valdirene, fato demonstrado nas cenas abaixo:

Que tipo de gente era aquela? (p. 28). Sombras que transitam pelas ruas barulhentas, cheias de gente que não se conhece nem se cumprimenta” (p. 29). A multidão me sobressaltava” (p. 25). “Não havíamos sido treinados para viver ali. Não conhecíamos aquelas pessoas, aquela gente apressada e nervosa. E tudo indicava que eles, tampouco, tinham gostado de nós, visto a maneira como fomos tratadas” (p. 27). “Estávamos perdidas em uma cidade desconhecida” (Idem, p. 27).

A constatação de não terem sido treinadas para estarem naquele espaço denuncia a constatação de que no processo de desterritorialização há conflitos e quase sempre negações. No caso de nossa heroína, e apenas a ela, vislumbrou-se, via domínio da linguagem – o poder de passar por essa transição: Valdirene, à custa de muito esforço e superação, atravessa ciclos: é a única das irmãs que transcende da condição inicial de povo, de indivíduo, para a de ser singular, inerente à condição de ser da multidão, potência viva, no dizer de Negri (2013); embora, no fim da vida, tenha-se rendido mais uma vez à condição original.

Se multidão, segundo Spinoza, (apud Negri, opus cit.), é corpo, então o de Val estava em ruínas, como ela mesma constata no depoimento acima. A multidão que transforma, e reduz (ou não seria redime?) Valdirene, povo, e filha de Tidé, em Val Gomes, potência rizomática na multidão, poderosa empresária da moda, é a mesma que – através de suas lutas, viagens, amores, movimentos e desejos realizados – a transforma em potência, singularidades que, segundo Negri (2013) trabalham, agem e, às vezes, desobedecem, eliminando a soberania do Estado.

### Referências

BENJAMIN, Wálder. *A Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica*. Disponível em: ><http://baixacultura.org/biblioteca/artigos-ensaios-papers/1-1-a-obra-de-arte-na-era-de-sua-reprodutibilidade-tecnica/><. Data da consulta: 10/05/2015.

LEITE, Márcio Ribeiro. *Pelas Frestas do Telhado*. Barueri (SP): Novo Século, 2012. (Coleção novos Talentos da Literatura Brasileira).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Prefácio de Néstor García Canclini; tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

NEGRI, Antônio. *Para uma Definição Antológica de Multidão*. In: Revista Lugar Comum. Número 19-20. P. 15-26. S/d.

\_\_\_\_\_. *A Multidão como Subjetividade*. In: Gramática da Multidão: para uma análise das formas de vida contemporâneas. São Paulo: Annablume, 2013, p. 55-74.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. *Literatura marginal: questionamentos à teoria literária*. In: Revista Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011.

VIRNO, Paolo. *Multidão e Princípio de Individuação*. In: Gramática da Multidão: para uma análise das formas de vida contemporâneas. São Paulo: Annablume, 2013, p. 97-108.